



Sinal de alerta na Pecuária!

Gustavo Fischer Sbrissia¹
Elaborado em agosto/2004

A pecuária nacional vem atravessando um período de reestruturação e ajustes, nos segmentos produtivo e industrial. Dentro da porteira, os aumentos de custos vão dos insumos à certificação de rastreabilidade - que onera os produtores -, exigindo ganhos de eficiência e produtividade. Do lado dos frigoríficos, têm ocorrido investimentos para adequar as instalações aos padrões sanitários internacionais ao mesmo tempo em que há redução das margens de comercialização no mercado interno. Mas, a verdade é uma só: mesmo necessitando de mudanças, já temos um dos mais competitivos sistemas de produção pecuária de corte do mundo.

O Brasil é o grande candidato a ser o maior fornecedor de proteína animal do mundo, incluindo todas as carnes e leite. Já somos líder em frango e boi; o suíno e o leite têm crescido a taxas muito boas, mas a manutenção e a conquista de novos mercados são bastante árduas e de longo prazo.

A exportação faz bem, traz divisas ao país e, ao contrário do que muitos pensam, proporcionam, ao menos, uma sustentação dos preços ao produtor. Vários questionam se o pecuarista tem se beneficiado do bom desempenho das exportações brasileiras, mas outra pergunta não pode ser esquecida: quanto estaria o preço da arroba se não estivéssemos exportando?

Segundo dados da Abiec (Associação Brasileira das Industrias Exportadoras de Carne), o consumo de carne no Brasil está praticamente estabilizado em 35 kg/habitante/ano, no entanto o rebanho brasileiro cresceu 8% nos últimos 5 anos, atingindo cerca de 170 milhões de cabeças. Se não fosse o bom desempenho das exportações, que cresceram 66% nos últimos 5 anos, a oferta interna poderia estar desajustada e pressionando as cotações para baixo.

E os preços da carne no mercado interno? Teoricamente, o ajuste proporcionado pelas vendas externas estaria aumentando os valores domésticos, mas o desaquecimento da economia manteve o consumo dos brasileiros reprimido e os preços observados no atacado não apresentaram altas reais. Ao analisar os preços da carcaça casada no atacado de São Paulo, apurados pelo Cepea, os valores deflacionados estão em um movimento de queda nos últimos 3 anos.

A diferença entre os preços da safra e da entressafra é determinada pela oferta e procura de animais nesses períodos. O melhor manejo e planejamento da alimentação no inverno, bem como o aumento no número de animais confinados têm possibilitado uma oferta

¹ Engenheiro agrônomo, mestrando em Economia Aplicada pela Esalq/USP e pesquisador do Cepea.



maior de animais na entressafra, o que faz reduzir as variações de oferta ao longo do ano. Outro fator que pode influenciar a produção nos próximos anos e que tem preocupado os frigoríficos é o abate excessivo de matrizes, reduzindo a oferta de bezerras.

Outro assunto bastante discutido nos dias de hoje é a invasão dos grãos em áreas de tradição pecuária. O primeiro grande erro ao analisar se a troca é válida ou não é comparar a rentabilidade de uma lavoura de grãos altamente tecnificada com a de uma pecuária extensiva da idade da pedra. Em segundo lugar, utilizar preços momentâneos, pontuais, não sustentáveis no longo prazo, ao invés de análises com preços históricos. Este é outro grande erro. A rentabilidade de uma fazenda com boi, quando explorada de maneira intensiva, pode ser equivalente à de uma área de grãos.

A luz amarela acendeu ao pecuarista brasileiro e apesar dos sucessivos recordes de produção e exportação, o momento é de cautela e transformação. Aumentos de produtividade, com intensificação do uso de insumos e obtenção de melhores índices zootécnicos são fundamentais neste momento. O pecuarista em geral não pensa como o agricultor. Ele retira o alimento da terra sem nada devolver, não trata as pastagens como uma cultura e não sabe como manejá-la, o que faz com que a quantidade de arrobas produzida por hectare seja baixíssima em muitas regiões. É bem provável que alguns pecuaristas que estão lendo não se encaixem nesse perfil, mas ainda é necessário falar da grande maioria e não das exceções.

Em um processo de tecnificação, de uma maneira bastante geral, em primeiro lugar deve prevalecer o melhor manejo e exploração sustentável do solo; em seguida, o melhor aproveitamento das pastagens e, então, a genética animal. Infelizmente, o pecuarista tem invertido essa ordem, querendo colocar ótimos animais, em pastagens mal manejadas, em cima de solos não corrigidos nem adubados. Ai, milagre realmente não ocorrerá. E nesse processo, como ficariam os pequenos produtores? A escala se tornou um fator muito importante para a rentabilidade da atividade pecuária. O pequeno produtor deve diversificar as atividades dentro da propriedade, já que sobreviver somente da pecuária de corte está muito difícil! Este conselho é válido não só para os pequenos. Regiões com sistemas de integração têm mostrado resultados animadores.

De qualquer forma, a revolução da agricultura apareceu para abrir os olhos dos pecuaristas. Realmente, o momento é de ser eficiente, ou abandonar a atividade. Acabou o tempo da pecuária para amadores, onde qualquer um entrava e ganhava dinheiro. Os tempos mudaram, e os aventureiros façam um favor para o setor pecuário brasileiro: deixem a pecuária na mão de profissionais.